



VI SEMANA DO CONHECIMENTO

**UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO:
INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS**

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo **Relato de Experiência** **Relato de Caso**

A SUBJETIVIDADE MARCADA NA LINGUAGEM DO TEXTO JORNALÍSTICO

AUTOR PRINCIPAL: Daniele de Freitas Schuster

CO-AUTORES: -

ORIENTADOR: Claudia Stumpf Toldo Oldeste

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO

A imposição da imparcialidade como critério essencial para a credibilidade de um jornalista ou veículo de comunicação acena para uma pertinente discussão: como assegurar a objetividade de um texto? A resposta para esse questionamento passa por vertentes que tangem a área das linguagens, a saber: a Teoria da Comunicação e a Linguística da Enunciação. O percurso teórico ao qual nos propomos para refletir acerca da construção da notícia jornalística contrapõe, essencialmente, os conceitos de imparcialidade e subjetividade. Um dos documentos consultados, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, acena para a necessidade de comprometimento com a verdade. O conceito de verdade, contudo, não fica claro: a quem se destina? Sob que perspectiva essa verdade é construída? Diante da verdade, o que é ser imparcial?

DESENVOLVIMENTO:

O entendimento de que o jornalista deve ser sempre imparcial em seu relato não surgiu de repente. Foi reflexo das exigências atribuídas à profissão durante sua trajetória de consolidação. O culto à objetividade tornou-se uma espécie de camisa-de-força para a atuação dos jornalistas que, no papel de agentes sociais, são responsáveis por observar a realidade e mediar o contato do público leitor com o acontecimento "verdadeiro". Atualmente, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros determina, no capítulo I, artigo 2º, parágrafo II, que "a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público." Ou seja, a noção de "verdade" também está presente no documento que norteia a atuação profissional no Brasil.



VI SEMANA DO CONHECIMENTO

**UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO:
INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS**

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



Numa perspectiva linguística, Émile Benveniste apresenta argumentos que contrapõem o caráter imparcial do texto jornalístico. Tomando seu texto, "Da subjetividade na linguagem", publicado originalmente em 1958, na obra Problemas de Linguística Geral I, em que reafirma o caráter constitutivo da linguagem, Benveniste (2005, p. 286) define o conceito de subjetividade como “a capacidade de o locutor se propor como sujeito”, e essa constituição se dá “na linguagem e pela linguagem”. A subjetividade, pois, é vista como a capacidade do locutor de se colocar na situação de sujeito, cuja consciência de si mesmo só pode ser experimentada pelo contraste: eu/tu.

Na linguagem, explica Benveniste (2005), a polaridade das pessoas é condição fundamental, pois nenhum dos dois termos da oposição pode ser concebido sem o outro. Segundo o autor, a linguagem é profundamente marcada pela expressão da subjetividade, a começar pelos próprios termos eu e tu, como exemplos de formas linguísticas que indicam a “pessoa”. Além disso, os pronomes pessoais são signos que nunca faltam em uma língua e, em sua forma implícita, atribuem um valor cultural e social. Assim, segundo Benveniste (2005, p. 287), “uma língua sem expressão da pessoa é inconcebível”, ou seja, sempre haverá um eu para validar qualquer enunciação. Portanto, sempre subjetiva.

Dessa forma, percebemos que não é possível “apagar” as marcas de subjetividade características de toda enunciação. Se o jornalista usufrui da linguagem para reportar os fatos e se toda enunciação se manifesta por um eu direcionado a um tu em um aqui e um agora, temos, por consequência, a impossibilidade de um texto neutro, isento e/ou imparcial. O homem como sujeito, ao assumir a posição de eu, é, segundo Benveniste, a manifestação máxima da subjetividade. Sem as categorias de pessoa, não há língua. O jornalista, ao escrever, assume papel de sujeito (eu), dirigindo-se a um leitor (tu). Portanto, o texto jornalístico, produto dessa enunciação, é sempre construído a partir de um eu. Portanto, jamais imparcial. Sempre comprometido com uma verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Assim, temos a subjetividade presente em todos os textos produzidos por um eu que se propõe como sujeito de seu dizer a um tu. Então, não é possível um jornalista produzir uma notícia imparcial, sinaliza para a necessidade de que essa discussão seja levada para os centros de formação acadêmica - a fim de que os futuros profissionais que irão compor as redações noticiosas não fiquem reféns de uma busca frustrante: a de produzir um relato objetivo do fato.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral I. 5. ed. São Paulo: Pontes



UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



Editores, 2005.

FENAJ. Código de ética dos Jornalistas Brasileiros. 2007. Disponível em:

< [http://fenaj.org.br/wp-](http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf)

[content/uploads/2014/06/04codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf](http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf) >.

Acesso em: 26 abr. 2018.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa):

ANEXOS